

Dom Santiago Olivera

Santa
FAUSTINA
KOWALSKA
O rosto da misericórdia



EDITORA
AVE-MARIA

Prólogo

Às vezes, na vida, acontecem coisas que nunca pensamos que poderiam ocorrer. Nunca imaginei que poderia ir à Polônia. Nunca imaginei que poderia percorrer o caminho do querido e tão lembrado João Paulo II. Nunca pensei que poderia rezar e celebrar no convento das Irmãs da Mãe de Deus da Misericórdia e no santuário da Divina Misericórdia, em Lagiewniki. Tudo, sem dúvida, são graças de Deus. O Senhor sempre me conduziu por sua mão, e experimentei particularmente essa realidade no breve tempo sabático vivido em Roma, no primeiro semestre de 2007.

Nunca imaginei que levaria para a Diocese de Morón, de onde eu era, as relíquias de uma santa tão querida pelo povo de Deus como é Santa Faustina Kowalska. Bendito seja o Senhor por tantos dons!

E, nesta mesma linha, jamais imaginei que poderia escrever a vida desta jovem religiosa que renovou em nosso tempo a certeza de um Deus que, feito homem, nos fala e nos apresenta com nova força sua misericórdia.

Com base em diversas realidades vividas, comecei a descobrir como Deus me levou a conhecer sua amiga, irmã Faustina Kowalska. Em 8 de julho de 2002, na Paróquia de São José, de Morón, presidi a Eucaristia na qual se recebiam as relíquias da santa e, no dia 30 de novembro de 2003, abençoei a grande imagem de Jesus Misericordioso, entronizada em uma importante avenida daquela querida diocese. Ali recebi como presente o *Diário* da santa, que li muitos anos depois. Hoje eu o vivo como preparação para tudo o que virá.

Quando cheguei à casa das irmãs, em Cracóvia, encontrei muita gente rezando na igreja, muita gente de joelhos diante do mistério do Amor misericordioso de Jesus. Senti que o convite do Senhor, “Venham a mim todos os que estão cansados e agoniados”, era uma realidade muito profunda. Vi, e me alegrei com isso, muitos jovens ajoelhados, rezando seriamente diante do sacrário, do quadro de Jesus Misericordioso, pintado por Adolf Hyla, e dos restos de irmã Faustina, secretária e apóstola da Misericórdia. Não foi novidade para mim, na Polônia, ver tanta juventude rezando; causou-me impacto em Czestochowa, santuário mariano polonês, a casa da Virgem morena e ferida, que tanto significa para esse povo sofrido e admirável.

Nunca imaginei passar longo tempo rezando nessa igreja tão significativa e nunca suspeitei que a partir desse dia teria na jovem, frágil e forte Santa Faustina Kowalska um referencial na busca da santidade. Porque, além das graças muito especiais que ela recebeu, são sua vida de oferenda e de fidelidade e sua resposta generosa à vocação batismal que a Igreja apresenta como modelo.

No santuário vivi um clima de encontro com Jesus; comove ver a grande quantidade de confessionários; é, sem dúvida, um sinal no qual se celebra e se atualiza a Misericórdia.

Também pude confirmar que Santa Faustina já não é só da comunidade das irmãs, mas é da Igreja universal. A Igreja a apresentou, como apresenta seus santos, como farol em nosso caminho. Já sua vida nos pertence a todos. Como nos ensinou João Paulo II em sua Carta Apostólica *Novo Milenio Ineunte*, a vida do outro é dom para mim. A vida de Santa Faustina é dom para cada um de nós. Tampouco, como compartilhava, imaginei que algum dia me fossem pedir que escrevesse sobre ela. Agradeço aos editores claretianos que me solicitaram essa tarefa.

I

A misericórdia

Os frutos da misericórdia encontram-se presentes em cada texto das Sagradas Escrituras. Constantemente contemplamos em cada um deles esse “Deus, que é rico em misericórdia, impulsionado pelo grande amor com que nos amou” (Ef 2,4).

Escreveram-se muitos e significativos textos sobre essa virtude, que se depreende diretamente da caridade. Alguns deles nos ajudam a refletir sobre seu mais profundo sentido.

Disse Dom Schönborn: “A misericórdia é o núcleo central da mensagem cristã. Essa mensagem promove a paz no mundo, entre os povos e as religiões. Ajuda a descobrir o verdadeiro rosto de Deus, além do verdadeiro rosto do ser humano e da Igreja”¹. E Santo Agostinho diz²:

1 Christoph Schönborn, op, arcebispo de Viena (Áustria) e presidente do Primeiro Congresso Apostólico Mundial da Misericórdia, que se celebrou em Roma de 2 a 6 de abril de 2008.

2 Cf. *De civitate Dei*, 9, 5: PL 41, 261.

“a misericórdia é a compaixão que experimenta nosso coração pelas misérias dos outros e que nos impele a socorrê-los se pudermos”. Chama-se misericórdia porque a pessoa tem o coração aflito (*cor miserum*) pela miséria do outro. Por isso, para maior miséria, maior misericórdia.

Então se pode compreender, percorrendo os caminhos da espiritualidade bíblica, que a misericórdia é o fio condutor das incontáveis manifestações de delicadezas do amor do Pai.

Pode-se dizer que a misericórdia é a prática do amor. O bom samaritano é o homem que sabe querer do jeito divino, que se esquece de suas ocupações, preocupações e cuidados, gasta seu dinheiro e diz que voltará para ver como vai a recuperação de seu próximo. Em definitivo, vive a misericórdia; aquele que está fora da lei mosaica é o que melhor cumpre a lei de Deus de amar com misericórdia. O pensamento de Jesus é de uma clareza plena. Jesus é o bom samaritano dos que sofrem neste mundo (cf. Lc 10,27-37).

Também a misericórdia é a razão da encarnação de Jesus Cristo, aquele que, assumindo a natureza humana e obediente ao Pai, nos consegue a graça de renascer por sua ressurreição para uma viva esperança (cf. 1Pd 1,3).

É um atributo de Deus. Ele é a fonte da misericórdia. Maria, a Virgem fiel, eleva um cântico de gozo e de profunda gratidão, o *Magnificat*, quando o anjo lhe anuncia que vai ser a mãe do Salvador. Exatamente em seu *fiat* canta as misericórdias do Senhor (cf. Lc 1,50).

Igualmente, a misericordiosa ternura de nosso Deus maravilhou Zacarias, pai de João Batista, e lhe inspirou a profetizar sobre o dia cheio de alegria que seria a vinda de Jesus e sua apresentação no templo (cf. Lc 1,78).

Todos dependemos da misericórdia de Deus. Reconhecê-lo e responder com misericórdia é o caminho da salvação (Rm 11,32). Por ele fomos salvos e libertados (Sl 108[109],26).

A misericórdia move a entrega da alma e do corpo segundo o amor divino. Convida-nos a entoar com o salmista: “Eu lhe cantarei força minha, porque você é o meu baluarte, Deus de misericórdia” (Sl 58[59],18) e “vos exorto a oferecer vossos corpos como uma vítima agradável a Deus” (Rm 12,1).

E Jesus exige a misericórdia como requisito para que o culto seja autêntico: “Vão, pois, aprendam o que significa: quero misericórdia, e não sacrifícios. Porque não vim para chamar os justos, mas os pecadores” (cf. Mt 9,13).

A prática dessa virtude é necessária para obter de Deus a misericórdia. Escutamo-lo no Sermão da Montanha: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia” (Mt 5,7).

Com imensa gratidão declaramos com o profeta Isaías: “Recordarei os favores do Senhor, louvarei suas proezas, por todo o bem que nos fez em sua compaixão e na abundância de sua misericórdia” (Is 63,7).

E quantas vezes nos entristece a recordação do passado equivocados; o pecado, que tínhamos desejado e prometido não fazer mais, volta a ser uma realidade triste em nossa vida. Tantas vezes experimentamos no caminho difíceis provações, dores, enfermidades, traições, decepções; e o abatimento tende a apoderar-se de nós, mas o Senhor e sua Misericórdia nos falam: “Toda alma que crê e tem confiança em minha misericórdia a obterá”³.

A mensagem de Santa Faustina, sem dúvida, é uma mensagem consoladora, como nos dizia o servo de Deus, João Paulo II, na homilia de canonização da santa a 30 de abril de 2003: aos tristes e abatidos se apresenta “o rosto doce de Cristo e até eles chegam os raios de luz que partem de seu coração e iluminam, aquecem, assinalam o caminho e infundem esperança”.

3 *Diário*, nº 420.

Nada de novo anuncia Santa Faustina sobre a misericórdia, mas é novo o grito certo e firme, sereno e manso; é anúncio que consola. É descobrir o olhar de um Deus, que é misericórdia e que nos ama e perdoa. E que nos convida a voltar para ele. Santa Faustina queria que “a festa da misericórdia fosse refúgio e amparo para todas as almas e, especialmente, para os pobres pecadores”⁴.

Nós, que temos experimentado a misericórdia, somos chamados a ser sua testemunha. Porque a misericórdia do Senhor é muito grande: ela se alimenta da fonte que nunca se esgota. O mundo, minha família, meu lugar de trabalho, minha comunidade, todos os lugares, todo homem e mulher, todo irmão e irmã necessitam desse testemunho, porque só na misericórdia de Deus encontraremos a paz. É oportuno agregar aqui as palavras de Bento XVI: “Meu amado predecessor, o servo de Deus, João Paulo II, de cuja morte acabamos de celebrar o terceiro aniversário, ao inaugurar o novo Santuário da Misericórdia Divina em Cracóvia, disse: “Fora da misericórdia de Deus não existe outra fonte de esperança para o homem”⁵.

4 *Diário*, nº 699.

5 Homilia, 17 de agosto de 2002.

II

O contexto mundial

Cada santo é uma resposta de Deus em um determinado momento da história. Ao viver cada dia, com intensidade, a vontade de Deus, os santos dão a conhecer ao mundo com seu testemunho de vida e com sua palavra a mensagem de Jesus, que ilumina e dá sentido aos fatos e circunstâncias daquele momento particular.

O cristianismo no século XX foi testemunha de uma fragmentação acelerada. O século viu o levantamento de grupos liberais e conservadores, assim como uma secularização geral da sociedade ocidental.

Santa Faustina nasceu em Cracóvia a 25 de agosto de 1905, período da história da Europa compreendido entre a última década do século XIX e a deflagração da Grande Guerra de 1914, denominado *Belle Époque*, cujo matiz, além de estético, fora marcado por pujança econômica e satisfação social. Essa designação respondia em parte a uma realidade recém-descoberta, que

impunha novos valores às sociedades europeias: expansão do imperialismo, fomento do capitalismo e enorme confiança na ciência e no progresso como benfeitores da humanidade; descreve, além disso, uma época na qual as transformações econômicas e culturais, que a tecnologia gerava, influíam em todas as camadas da população (desde a aristocracia até o proletariado). Tal nome responde também, em parte, a uma visão nostálgica que tendia a embelezar o passado europeu anterior a 1914, como um *paraíso perdido*, depois do selvagem trauma da Primeira Guerra Mundial. Não obstante, em 1914, o mundo se viu envolvido na mais cruenta e dramática das guerras conhecidas até então.

É preciso buscar as razões profundas que desencadearam uma conflagração de tal magnitude nos acontecimentos e circunstâncias que vinham se sucedendo desde o último terço do século XIX. A derrota da França diante da Prússia implicou a perda dos territórios da Alsácia e Lorena. Esse fato, unido à formação do império alemão em 1871, marcou o início de uma etapa de tensões nas relações entre as principais potências europeias. A competição capitalista e as rivalidades imperialistas originaram atritos entre os estados europeus. Tais tensões potencializaram os conflitos nacionalistas

e territoriais entre todos eles, que se alinharam em alianças militares e incrementaram seus gastos em armamentos.

A localização da Polônia no centro da Europa tornou-se significativa em um período em que a Prússia, estado precursor da Alemanha, e a Rússia imperial estavam intensamente envolvidas nas rivalidades e alianças europeias e os estados modernos se estabeleciam por completo no continente. Durante séculos a Polônia foi um país predominantemente católico; para a maioria dos poloneses, o catolicismo é parte de sua identidade.

E podemos nos perguntar: por que o Senhor, em pleno século XX, aparece a essa religiosa polonesa e com insistência lhe pede que se estabeleça a devoção à Divina Misericórdia?

Jesus se revelou a Santa Faustina no tempo da gestação da Segunda Guerra Mundial. O homem necessitava, ou melhor, necessita de Deus, e Deus em seu amor vai a seu encontro derramando os raios de Misericórdia. O homem necessita escutar que existe esperança e que Deus, em sua Misericórdia, quer que todos se salvem – mas a única condição é a mudança de coração; o homem necessita reconhecer os pecados e com profundo arrependimento voltar-se para Deus e afastar-se do mal.

Muitas almas, em tempos tão difíceis, receberam graças de conversão e de fortaleza ao venerar a imagem de Jesus Misericordioso, que se propagou rapidamente em toda a Polônia, depois em toda a Europa e no mundo.

III

A Polônia

A Polônia é um dos países da Europa em que a religião tem muito peso. É comum ver um crucifixo na porta das casas. Nos caminhos e nos bosques existem incontáveis capelas, e em muitas delas venera-se especialmente a Virgem. Na Polônia, as igrejas estão cheias de gente, tanto nos pequenos povoados como nas grandes cidades. Gente adulta e jovem. Homens e mulheres que vivem sua fé como um dom bastante valorizado. Os poloneses emigrados para outros países conservam sua participação dominical, como acontece na Noruega, onde muitos chegaram em busca de oportunidade de trabalho mais favorável.

Na Polônia, a Igreja é uma instituição muito respeitada, especialmente pela ajuda que prestou na luta contra o comunismo. Existem, por todos os lados, estampas de João Paulo II, “o Papa polonês”, que foi arcebispo de Cracóvia. Em 1979 visitou seu país natal. A visita resultou um duro golpe para os

comunistas, visto que tiveram de ver um júbilo generalizado e espontâneo no mesmo povo que eles mantinham acorrentado pela polícia secreta.

Mas como foi o nascimento desse povo, como foi sua história?

O nome “Polônia” provém da designação da tribo dos polanos, isto é, da gente que cultivava os campos (*pole* – em polonês). A história da Polônia, como estado unitário, começa no ano 966 de nossa era, quando Mieszko I introduziu no país o cristianismo, marcando sua identidade.

Sua situação estratégica no centro da Europa e as pressões sucessivas dos povos vizinhos fizeram que, nos dez séculos de história polonesa, o país sofresse, em diversas ocasiões, mudanças de fronteiras. Inclusive no século XIX ele chega a desaparecer literalmente do mapa político. A adoção do rito ocidental do cristianismo, e não do oriental (bizantino), marcou desde o princípio a clara diferenciação da Polônia em relação aos seus vizinhos do leste.

Ao finalizar a Primeira Guerra Mundial em 1918 (período durante o qual a “Polônia russa” foi invadida pelas tropas alemãs e austríacas), a Polónia recuperou a independência como nação soberana depois de 123 anos de ocupação. Foi no dia 11 de novembro de 1918. Entre os anos 1918 a 1921

a República Polonesa esteve em guerras e conflitos diplomáticos com os países vizinhos para recuperar suas fronteiras. Em março de 1921 foi proclamada a nova Constituição da República Polonesa e, no ano seguinte, 1922, foi eleito democraticamente pelo parlamento polonês o primeiro presidente.

Em 1926, outra vez e por um golpe de estado em Varsóvia, a Polônia perdeu a liberdade conseguida. Em 1º de setembro de 1939, o exército da Alemanha nazista invadiu a Polônia, desencadeando a Segunda Guerra Mundial. Em um ataque surpresa, a aviação alemã destruiu as principais cidades polonesas e o país foi tomado. Depois, em 17 de setembro de 1939, foi invadido também pela URSS de Stalin. As invasões aconteceram de tal modo que, em menos de um mês, a Polônia estava totalmente ocupada.

A história se repetiu, e as terras polonesas, pela quarta vez em 150 anos, foram repartidas entre os países vizinhos. Durante a guerra, a Polônia perdeu seis milhões de pessoas, a metade deles judeus – primeiro, concentrados nos guetos das cidades e depois, exterminados nos campos de concentração, como o de Auschwitz, no sul do país, onde morreu São Maximiliano Kolbe.

Tive a graça de conhecer a Polônia em abril de 2007. Ainda que desde 1978 já não fosse

um país tão distante nem desconhecido por causa da figura de Karol Wojtyła, como eu disse anteriormente, nunca teria imaginado que fosse conhecê-lo. A chegada de João Paulo II à cátedra de Pedro como papa fez com que a realidade desse querido país polonês tão sofrido e tão exemplar fosse mais conhecida. Sabíamos a respeito do padre franciscano Maximiliano Kolbe, de Lech Walessa, do padre Yerzi Popieluzko e da irmã Faustina.

A graça de Deus quis que, pela generosidade da Congregação dos Padres de São Miguel Arcanjo, fundada pelo beato Ladislau Bladzinski (miguelitas), eu pudesse conhecer mais profundamente a Polônia e sua gente. Pude respirar o ar que respiraram até o final tantos mártires, tantos homens e mulheres que, fiéis à sua história, puderam manter sua fé apesar de muita dor e tamanha adversidade.

Não é o objetivo deste livro escrever sobre aquelas vivências, mas com base nelas. Ao explorar a profunda religiosidade de sua gente, de antes e de agora (vi muitos a rezar e celebrar com verdadeira devoção em Czestochowa, em Kalwaria, em Wadowice e em tantos outros lugares), pude compreender mais a vida de Faustina e aproximar-me também da vida de João Paulo II. Ele, sem dúvida, respirou e conheceu em sua própria terra a necessidade e a urgência de gritar

ao mundo, como grito sereno e cálido, a misericórdia que Deus nos oferece a todos.

Irmã Faustina escreveu em seu *Diário*, em 1938, enquanto rezava pela Polônia, o que escutou do Senhor: “Amei a Polônia de modo especial e, se obedecer à minha vontade, a enaltecerei em poder e em santidade. Dela sairá uma chispa que preparará o mundo para minha última vinda”.

Creio firmemente que a Polônia foi enaltecida. Mas creio que a Polônia deu e dará frutos ainda. Porque “o que a árvore tem de florida, vive do que tem sepultado”. Pude ver raízes firmes na minha passagem pela Polônia. Pude descobrir seus sofrimentos no rosto de quem assumiu a vida de cada polonês: a Virgem morena, ferida em seu rosto, sinal deste povo de profunda fé católica, enraizada desde que as tribos eslavas adotaram o cristianismo, no ano 966. Meu percurso espiritual pela Polônia fez também que muitas vezes me perguntasse sobre sua história, tantas divisões, lutas, perdas e desencontros. A Polônia foi tantas vezes invadida até o término da Primeira Guerra Mundial! Alguns desses fatos históricos precisou viver Santa Faustina.

Cada um de nós levamos em nosso sangue, em nossa história, a sorte, as lutas e as esperanças de tantos irmãos. Faustina herdou muito de sua

família Kowalska nestas circunstâncias de pobreza e divisões e, certamente, de tantas dores.

Quando Faustina tinha 13 anos, declarou-se a independência, e em 1921 instalou-se a Segunda República. Irmã Faustina morreu um ano antes que Adolf Hitler invadisse a Polônia, o que trouxe uma nova divisão do território entre a Alemanha e a Rússia. Muitos poloneses ao longo dos séculos entregaram suas vidas lutando pela liberdade de sua pátria. A pátria é, de certo modo, o mesmo que o patrimônio, diz João Paulo II; é o conjunto de bens que recebemos como herança de nossos antepassados. A Polônia, desaparecida dos mapas da Europa e do mundo, voltou a reaparecer a partir de 1919 e, desde essa época, permaneceu neles. Não conseguiu apagá-la nem mesmo a frenética onda de ódio desencadeada de oeste a leste entre 1939 a 1945.

Este foi o país no qual nasceu Santa Faustina, apóstolo da Divina Misericórdia. Desde ali proclamou humildemente as misericórdias do Senhor: “À humanidade, que em ocasiões parece como perdida e dominada pelo poder do mal, do egoísmo e do medo, o Senhor ressuscitado lhe oferece como dom seu amor que perdoo, reconcilia e volta a abrir o espírito à esperança. É amor que converte os corações e dá a paz à humanidade”, segundo o dizer do servo de Deus, João Paulo II.

IV

Vocação universal à santidade

O capítulo V da Constituição dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, do concílio Vaticano II, desde o título já nos fala e ilustra sobre a necessidade de responder ao primeiro chamado que o Senhor dirige a nós todos: o chamado à santidade.

João Paulo II, em sua Carta Apostólica *Ao começo do novo milênio*, volta a nos recordar que a perspectiva na qual deve situar-se o caminho pastoral é o da santidade: “a santidade é mais que nunca uma urgência pastoral”⁶.

Que é ser santo? É viver fazendo na vida a vontade de Deus. É um caminho de busca, de resposta e de fidelidade. Não é fácil, mas o Senhor nos acompanha sempre, e, como ele nos pede e chama, é um caminho possível e certo. Pelo batismo,

6 *Novo Milenio Ineunte*, n° 30.

todos somos chamados à santidade. A santidade é a presença de Deus reinando no coração daquele que crê. A Igreja comunica as graças necessárias que procedem dos méritos de Jesus Cristo.

Deus chama, e diante desse plano do Pai o santo que se sabe olhado com amor e amado não faz alarde, vive na simplicidade dos grandes, como Jesus, que não fez alarde de sua categoria de Deus. E, como ele, passa fazendo o bem e respondendo ao Deus Amor, amando-o e amando.

A santidade é obra de Jesus em nós, nos dá a graça e necessita de nossa resposta voluntária e livre. Quem ama a Deus deseja responder-lhe com todo o coração, esforça-se e persevera com a ajuda da graça. Quem ama a Deus é fiel e ama sem limites; ainda que saiba de caminhos equivocados e vielas escuras, sabe também sobre a fidelidade de Deus.

Que maravilha são os santos; vidas privilegiadas, escolhidas, felizes e não raro sofridas, que nos falam dessa fidelidade de Deus.

Nas Sagradas Escrituras lemos que a santidade é uma qualidade de Deus e de seu Espírito. “Devemos ser santos porque Deus é santo” (Lv 19,2). “A vontade de Deus é que vocês, praticando o bem, ponham freio na ignorância dos insensatos. Procedam como homens verdadeiramente livres, obedecendo a

Deus, e não como os que fazem da liberdade uma desculpa para sua malícia” (1Pd 2,15-16).

Fomos criados por Deus com o expresso propósito de irradiar seu Filho, Jesus, com nosso modo único e particular. Algumas vezes confunde-se a missão particular de cada um com sua santidade. Ser santo é cumprir a própria missão, “amando até o extremo” (cf. Jo 13,1). Cada santo se esforçou e lutou contra suas fraquezas toda a sua vida, adquiriu os hábitos da virtude e nunca perdeu de vista os extremos mais recônditos de sua debilidade.

Segundo diz Bento XVI: “Os santos, se são apresentados adequadamente em seu dinamismo espiritual e em sua realidade histórica, contribuem para fazer mais crível e atrativa a Palavra do Evangelho e a missão da Igreja”.

Santa Faustina experimentou o chamado de Jesus e a partir daí desejou e viveu o projeto de Deus em sua vida. Foi uma jovem de oração e de silêncio. Amou sempre, mesmo à custa de não ser correspondida e até de ser maltratada verbalmente. Foi fiel. Amou sem limites. Soube e pôde constatar que “é eterna a misericórdia do Senhor” (Sl 117[118],1).

Ao aproximarmo-nos com espírito de fé e devoção do conhecimento da vida de um santo ou de uma santa, uma das primeiras graças, no caso

de Santa Faustina, será a de nos entusiasmar para viver e responder ao chamado da santidade. Santa Faustina nos transmite seu amor apaixonado por Deus e sua misericórdia, que se estende com a mesma intensidade de amor apaixonado pelo próximo. “Ó Deus único na Santíssima Trindade, desejo amá-lo como até agora nenhuma alma humana o amou; e embora eu seja particularmente mísera e pequenina, não obstante arrojé a âncora de minha confiança no abismo de sua misericórdia, Deus e Criador meu. Apesar de minha grande miséria, não tenho medo de nada, mas espero cantar eternamente o hino da glória. Que não duvide alma nenhuma enquanto viver que, embora seja a mais miserável, cada uma pode ser uma grande santa, porque é grande o poder da graça de Deus. De nós depende somente não nos opor à atuação de Deus.”⁷

Pelo próximo, Santa Faustina pôde pedir ao Senhor a graça de terríveis tormentos, contando que uma pessoa não cometesse pecado grave. Ela nos conta em seu *Diário*: “Ó Jesus, quão fácil é santificar-se; é necessário somente um pouco de boa vontade. Se Jesus descobre na alma esse pouquinho de boa vontade, então se apressa a entregar-se à alma e nada o pode deter, nem os erros, nem as quedas, nada em absoluto. Jesus tem pressa por ajudar essa alma, e se a alma é fiel a essa

7 *Diário*, nº 283.

graça de Deus, então em muito pouco tempo pode chegar à máxima santidade à qual uma criatura pode chegar aqui na terra. Deus é muito generoso e não recusa a ninguém sua graça, dá mais do que nós lhe pedimos”⁸. A fidelidade no cumprimento das inspirações do Espírito Santo é o caminho mais certo. Faustina compartilha conosco que “toda aspiração à perfeição e toda a santidade consistem em cumprir a vontade de Deus. O perfeito cumprimento da vontade de Deus é a maturidade na santidade, aqui não existe lugar para dúvidas”⁹.

A fé sabe que, embora tudo seja “aparente fracasso”, no Senhor tudo será triunfo.

A santa nos oferece seus desejos, compartilha conosco suas certezas, manifesta-nos sua confiança para poder avivar em nós esses desejos, para termos essas certezas e para possuímos, se Deus nos der a graça, essa confiança. “Ó Jesus meu, você sabe que desde os anos mais precoces desejava ser uma grande santa, isto é, desejava amá-lo com um amor tão grande como nenhuma alma o amou até agora. No princípio estes eram meus desejos secretos, dos quais tinha conhecimento só Jesus. Hoje não os consigo conter no coração; desejaria gritar ao mundo inteiro: ‘Amem a Deus, porque é bom e sua misericórdia é grande’.”¹⁰

8 *Diário*, nº 291

9 *Diário*, nº 666.

10 *Diário*, nº 1372.

Ela sabia que só a comunhão interior da alma com Deus é o que a faz perfeita. “... Minha santidade e perfeição consistem em uma estreita união de minha vontade com a vontade de Deus...”¹¹

A santidade é para Santa Faustina uma resposta de fidelidade a Deus e um bem para a Igreja. “Esforço-me pela santidade, visto que com ela serei útil à Igreja.”¹²

Os caminhos da santidade são caminhos para todos; devemos percorrê-los. Não são chamados a alguns gênios. Os santos são faróis que iluminam nosso caminho. Bento XVI vai dizer que são os “verdadeiros portadores da luz na história”¹³. “O Senhor me deu a conhecer quanto deseja a perfeição das almas eleitas. Em minhas mãos, as almas eleitas são as luzes que arrojado nas trevas do mundo e o ilumino. Como as estrelas iluminam a noite, assim as almas eleitas iluminam a terra, e, quanto mais perfeita é a alma, tanto mais luz irradia em seu derredor e chega mais distante. Pode estar oculta e desconhecida, mesmo para as pessoas mais próximas, não obstante sua santidade se reflete nas almas, nos mais distantes confins do mundo.”¹⁴

11 *Diário*, nº 1107.

12 *Diário*, nº 1505.

13 *Deus Caritas Est*, nº 40.

14 *Diário*, nº 1601.

O chamado de Jesus supõe o chamado à santidade. O homem está feito para desejar os verdadeiros bens. Os santos buscavam a santidade como meio para dar glória a Deus e como manifestação mais plena do cumprimento da vontade do Pai. Os santos percorreram o caminho e nesse caminho foram descobrindo a necessidade de abandonar os próprios para abandonar-se confiantes no caminho do Pai. A santidade consistirá em não negar nada a Deus, em descobrir o projeto de Deus em cada um e concretizar esse projeto, não sem esforço, na própria vida. É importante ter em consideração que o caminho da santidade é um caminho de resposta, e que a santidade é compatível com a fragilidade humana ou com deficiências de temperamento. A santidade é obra exclusiva de Deus e ela será possível na medida em que estejamos unidos a Jesus.

A vida de Santa Faustina foi uma vida com fenômenos extraordinários, por isso temos de ter cuidado para não identificar a santidade com tais fenômenos; o caminho da santidade se transita pela simplicidade, pela escuridão, pela fidelidade de cada dia. Faustina nos conta em seu *Diário*: “Nem graças, nem revelações, nem êxtases, nem nenhum outro dom concedido à alma a faz perfeita, mas a comunhão interior de minha alma com Deus. Estes dons não constituem nem a

substância nem a perfeição”¹⁵. Ser santo significa viver na proximidade de Deus. Ele só é santo. “Só você é santo e fonte de toda santidade”, dizemos na liturgia. Enquanto conservarmos a amizade com Deus seremos verdadeiros santos.

Santa Faustina tem uma vida muito especial que conhecemos através de seu *Diário* e que precisa ser resgatada, diria eu, pelo seu extraordinário e inimitável (suas revelações e manifestações) desejo de ser santos. A vida dos santos não compreende só a vida terrena, mas também sua vida desde Deus, depois da morte. Daí que a vida de Faustina avive o desejo de imitá-la em sua fidelidade ao Senhor. Os santos foram os que “manifestaram sua fé com obras, seu amor com fadigas e sua esperança em nosso Senhor Jesus Cristo com uma firme constância”¹⁶.

Segundo Bento XVI: “O exemplo dos santos é para nós um estímulo a seguir os mesmos passos e a experimentar a alegria de quem confia em Deus, pois a única causa de tristeza e de infelicidade para o homem deve-se ao fato de viver longe dele”.

15 *Diário*, nº 1107.

16 Monsenhor Pironio, *Escritos pastorales*, Madrid, 1975.



Quem é Santa Faustina

Quem é Santa Faustina? Ela se fez muito conhecida pelo extraordinário, por suas visões e pelo mandato concretizado de fazer que a imagem de Jesus Misericordioso fosse venerada e se celebrasse em todo o mundo a festa da Divina Misericórdia. Profecia e desejo cumprido faz anos pelo querido papa polonês, João Paulo II.

Helena (Faustina) Kowalska nasceu em Glogowiec a 25 de agosto de 1905, perto de Cracóvia, na Polônia. Foi educada cristãmente por seus pais, Estanislau e Mariana. Foi a terceira de dez filhos de uma humilde família camponesa na qual, desde seus primeiros anos, por meio da palavra, do exemplo de seus pais e da frequente oração em família, se inculcou nela o amor a Deus, à santíssima Virgem Maria e à Igreja.

Foi batizada na igreja paroquial de São Casimiro, em Swinice Warckie. Aos 5 anos teve um sonho que contava assim: “Eu estive

caminhando pela mão da Mãe de Deus em um jardim precioso". E Maria seria sempre sua Mãe, seu modelo e mestra da vida interior e seu guia nos assuntos de seu Filho Jesus!

Nesta mesma igreja de São Casimiro, quando tinha 9 anos, fez sua primeira confissão e sua primeira comunhão; ali recebeu todos os sacramentos de iniciação cristã; também ali recebeu seu primeiro chamado à vida religiosa quando tinha 7 anos. Em 30 de outubro de 1921, recebeu o sacramento da Confirmação das mãos do bispo Vicente Tymieniecki.

Começou a frequentar o colégio quando tinha 12 anos porque as escolas, por causa de razões políticas (a ocupação russa), estavam fechadas na Polônia. Aos 15 anos, em virtude de razões econômicas, começou a trabalhar em uma casa de família em Aleksandrow; foi ali que voltou a sentir muito forte o chamado à vida religiosa. Os pais lhe negaram várias vezes o desejo que Faustina lhes manifestava de consagrar-se totalmente ao Senhor. Eram pais piedosos, que terá movido seu coração de pais para negar-lhe, tantas vezes, esse desejo que expressava um chamado do mesmo Senhor? Depois de vê-la professor, seus pais descobriram que não deviam se opor aos caminhos de Deus e aceitaram a vontade de Deus na vida de sua filha.

Aos 19 anos, Helena foi a Varsóvia com o desejo de ingressar em uma congregação religiosa; segundo o costume do seu tempo, necessitava de um dote para poder ingressar e para isso trabalhou na casa de Aldona Lipszyc em Ostrowek, perto de Varsóvia, pelo termo de um ano.

Helena mesma conta que, tendo ido a uma festa com sua irmã Josefina, teve uma experiência que lhe marcou a vida. Ao sair dali, entrou na catedral de Santo Estanislau Kostka, pedindo ao Senhor que lhe mostrasse o que fazer; foi ali que escutou: “Vá imediatamente a Varsóvia, ali entrará em um convento”. Em Varsóvia, falou com um sacerdote na igreja de São Tiago Apóstolo, que a conectou com a senhora Lipszyc a fim de que juntasse um pouco de dinheiro.

Aos 20 anos, ingressou como religiosa na Congregação das Irmãs da Misericórdia da Mãe de Deus, dedicadas a formar moças moral e materialmente necessitadas. A 1º de agosto de 1925, passou o umbral da clausura, depois da espera. Ela nos conta em seu *Diário*: “Pareceu-me que entrei na vida do paraíso. De meu coração brotou uma só oração, a de ação de graças” (*Diário*, 17).

No convento de São José, em Cracóvia, fez seu noviciado, pronunciou seus primeiros votos e os perpétuos. Serviu nas diversas casas da

congregação, onde esteve como jardineira, porteira, cozinheira, cuidou do jardim, abriu e fechou portas, amassou o pão de cada dia rezando, oferecendo cada ato de sua vida, lutando, sofrendo... Amando! Esse foi seu caminho de santidade.

Ao vê-la, nada revelava sua extraordinária e rica vida mística. Cumpria seus deveres com fervor, observava fielmente todas as regras do convento, era recolhida e piedosa, porém ao mesmo tempo era natural, alegre, cheia de amor benévolo e desinteressado ao próximo.

E Deus lhe confiou uma grande missão: ser apóstola da Divina Misericórdia para recordar assim ao mundo que nosso Deus é um Deus de amor e misericórdia; que constantemente nos chama e espera nossa conversão para permitir-nos viver em comunhão com ele e levar-nos ao Paraíso que nos tem preparado. Na tarde de 22 de fevereiro de 1931, apareceu-lhe Jesus Cristo em sua cela, em Plock, na Polônia, e lhe disse: “Pinte uma imagem minha, segundo a visão que você vê, com a inscrição: ‘Jesus, eu confio em você’”.

Não lhe foi estranho o dom de profecia que lhe permitia ver com clareza o futuro das almas e dos acontecimentos. Anunciou, oito anos antes, a última guerra mundial e o bombardeio em Varsóvia, como também o ano e o dia de sua morte.

Irmã Faustina morreu aos 33 anos de idade, depois de desempenhar em sua congregação os ofícios mais simples e de ter vivido uma vida mística extraordinariamente rica. Sua herança espiritual nos ficou documentada no diário que escreveu: *Diário, a Divina Misericórdia em minha alma*.

João Paulo II, no capítulo 10 do livro *Memória e Identidade*, referido à Misericórdia, alude à irmã Faustina e ao culto que ela promoveu. Ressalta a proximidade de seu magnífico testemunho, justamente por ser de nosso tempo, de ter vivido nas primeiras décadas do século XX e ter morrido antes da Segunda Guerra Mundial. Diz: “Neste período foi-lhe revelado o mistério da Divina Misericórdia e anotou em seu *Diário* o que experimentou. Para os sobreviventes desta grande guerra, as palavras do *Diário* de Santa Faustina são como uma espécie de evangelho da Divina Misericórdia, [...] é como se Cristo tivesse querido revelar que o limite imposto ao mal, cujo causador e vítima resulta ser o homem, é em definitivo a Divina Misericórdia... Agora desejo enlaçar” – prossegue João Paulo II – “de novo com o que disse sobre o tema das experiências da Igreja na Polônia durante a resistência contra o comunismo. Parece-me que têm um alcance universal. Penso que também irmã Faustina e seu testemunho do mistério da Divina Misericórdia

tenham presença marcante de algum modo nesta perspectiva. O patrimônio da espiritualidade teve – nós o sabemos por experiência própria – uma grande importância para a resistência contra o mal praticado naqueles sistemas não humanos de então. Tudo isso conserva um significado preciso não só para os poloneses, mas também para todo o âmbito da Igreja no mundo. Colocaram-no em realce, entre outras coisas, a beatificação e a canonização de irmã Faustina. É como se Cristo tivesse querido dizer através dela: ‘O mal nunca consegue a vitória definitiva!’. O mistério pascal confirma que, por si, vence o bem; que a vida prevalece sobre a morte e o amor triunfa sobre o ódio” (João Paulo II).